

Festas, pandemia e resistência festiva na comunidade quilombola do Cumbe, Aracati (CE)

Ozaias da Silva Rodrigues¹
Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo: Discorro neste artigo sobre festas, turismo e pandemia na comunidade quilombola do Cumbe, localizada no município de Aracati, Ceará. O território do Cumbe é composto por dunas, rio Jaguaribe, mar, mangue, apicum e outros elementos naturais que o singularizam, tornando-o um atrativo turístico. As considerações etnográficas sobre o assunto são fruto de cinco meses de pesquisa de campo, com idas entre os anos de 2022 e 2023 e provêm de uma tese de doutorado em Antropologia. Foco, num primeiro momento, na temática da pandemia do novo coronavírus, nas ações e estratégias postas em prática pela comunidade interlocutora diante do contexto pandêmico. Disserto sobre alguns aspectos da organização social do Cumbe, citando elementos fundamentais para se entender a realidade local, as festas, os conflitos internos, a religiosidade, entre outras coisas.

Palavras-chave: festa; pandemia; quilombolas; Cumbe; turismo.

¹ Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professor substituto no Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Parties, pandemic and festive resistance in the quilombola community of Cumbe, Aracati (CE)

Abstract: In this article, I discuss parties, tourism and the pandemic in the quilombola community of Cumbe, located in the municipality of Aracati, Ceará. The territory of Cumbe is made up of dunes, the Jaguaribe River, sea, mangroves, apicum and other natural elements that make it unique, making it a tourist attraction. The ethnographic considerations on the subject are the result of five months of field research, spanning between 2022 and 2023 and come from a doctoral thesis in Anthropology. Focus, initially, on the theme of the new coronavirus pandemic, on the actions and strategies put into practice by the interlocutor community in the face of the pandemic context. I talk about some aspects of the social organization of Cumbe, citing fundamental elements to understand the local reality, the parties, internal conflicts, religiosity, among other things.

Keywords: parties; pandemic; quilombolas; Cumbe; tourism.

Fiestas, pandemia y resistencia festiva en la comunidad quilombola de Cumbe, Aracati (CE)

Resumen: En este artículo analizo las fiestas, el turismo y la pandemia en la comunidad quilombola de Cumbe, ubicada en el municipio de Aracati, Ceará. El territorio de Cumbe está formado por dunas, río Jaguaribe, mar, manglares, apicum y otros elementos naturales que lo hacen único, convirtiéndolo en un atractivo turístico. Las consideraciones etnográficas sobre el tema son el resultado de cinco meses de investigación de campo, que abarcan entre 2022 y 2023 y provienen de una tesis doctoral en Antropología. Centrarse, inicialmente, en el tema de la pandemia del nuevo coronavirus, en las acciones y estrategias puestas en práctica por la comunidad interlocutora ante el contexto pandémico. Hablo de algunos aspectos de la organización social de Cumbe, citando elementos fundamentales para comprender la realidad local, las fiestas, los conflictos internos, la religiosidad, entre otras cosas.

Palabras clave: fiestas; pandemia; quilombolas; Cumbe; turismo.

Discurso neste artigo sobre festas, turismo e pandemia na comunidade quilombola do Cumbe, localizada no município de Aracati, Ceará, sendo a relação entre esses três elementos algo fundamental em minha argumentação. Em primeiro lugar, informo que o território do Cumbe é composto por dunas, rio Jaguaribe, mar, mangue, apicum e outros elementos naturais que o singularizam. Essa informação é importante para fins de contextualização no presente artigo. Em segundo lugar, as considerações etnográficas sobre o assunto são fruto de cinco meses de pesquisa de campo, com idas entre os anos de 2022 e 2023. Na proposta inicial da pesquisa de doutorado elaborei questões que se relacionavam com o conceito de etnodesenvolvimento, atividades produtivas e as economias locais das duas comunidades quilombolas de Aracati: Cumbe e Córrego de Ubaranas.

Porém, a pandemia e suas consequências, como o decreto estadual de *lockdown*, de março de 2021 no Ceará, mexeu de uma forma inesperada comigo, pois eu já estava de malas prontas para conhecer o Cumbe e seguir com aquela proposta de pesquisa. A sensação de frustração e impotência que senti em ter que viver outro momento de *lockdown*, fez com que eu mudasse de tema, problemáticas e de perspectiva. Decidi então pesquisar sobre pandemia junto à realidade quilombola, afinal, pandemia foi algo que não apenas afetou profundamente as comunidades interlocutoras, mas também a mim, a ponto de me fazer mudar de rumo quanto à temática e às problemáticas da pesquisa. Resolvi pesquisar sobre aquilo que estava me atormentando naquele momento. O referido decreto estadual funcionou como uma ação do *acaso*, nos termos de Peirano (1995), como algo inesperado, um gatilho, que mudou todo o rumo da minha pesquisa e optei por fazê-la junto à comunidade do Cumbe.

Portanto, a pesquisa que desenvolvi ao longo do doutorado foi afetada diretamente pela pandemia, sendo que só pude ir a campo em fevereiro de 2022. Neste artigo, discorro sobre as festas e turismo e como a pandemia os afetou localmente. As festas populares, tanto de caráter nacional, regional quanto local, foram uma das atividades mais afetadas pela pandemia, como apontam Cavalcanti e Gonçalves (2021, 2022). É justamente pelo fato de as festas serem um componente importante na organização social dos/as quilombolas do Cumbe, que reflito sobre elas e o contexto pandêmico, pensando os impactos das medidas de isolamento social nas festas, que “exigiram mudanças no calendário e na dinâmica de festas públicas e atividades realizadas anualmente em espaços privados, públicos, de lazer e entretenimento no Brasil e em todo o mundo” (NETO e GONÇALVES, 2022: 14).

Festas e aglomerações pandêmicas

O que chamo de espírito festeiro ou festivo é uma característica social marcante do Cumbe (RODRIGUES, 2024). Nas primeiras idas a campo, isso se destacou bastante na minha percepção² do local. Em dezembro de 2022, na minha segunda ida ao Cumbe, já se podia ver casas na comunidade se enfeitando com pisca-piscas natalinos, além do centro de Aracati, que estava mais enfeitado. Esse período de festas de fim de ano foi acompanhado por muita música, que em algumas ocasiões me irritava, pois como apreciador do silêncio que sou, achava alguns momentos impróprios para se colocar som alto. Mas eu era o visitante ali, então restava aceitar o barulho daquelas caixas de som. Na ocasião do dia 25 daquele mês, dia do Natal, resolvi ir para o morro (como chamam as dunas por lá) com Antônio Filho, a fim de ter o silêncio que queria naquele momento. Antônio Filho foi uma das companhias mais constantes em campo e nos tornamos amigos, para além daquela relação que tinha se iniciado devido à pesquisa.

Exemplos das festas no Cumbe são os forrós, as festas tradicionais de santos/as, carnaval e a festa do mangue³. Em primeiro lugar, tendo o contexto pandêmico em mente, quero comentar sobre as festas clandestinas, as aglomerações, pois elas nos dizem muito sobre a realidade pandêmica. Estou de acordo com Neto e Gonçalves (2022) quando afirmam que “os impactos sociais e culturais desse período excepcional constituem repertórios para a análise antropológica e mobilizam discussões acerca dos efeitos da pandemia e de seus desdobramentos na vida social” (NETO e GONÇALVES, 2022: 14). Nesse sentido, a pandemia nos instrumentalizou com um vocabulário epidemiológico que rapidamente ganhou terreno nas conversas do cotidiano. O termo ‘aglomeração’ foi um desses conceitos que passamos a usar frequentemente naquele contexto. Sobre esse assunto, começo pelo relato de Alicinha:

Aqui, começa [a farra] logo de sexta, vai sábado e domingo, vão até segunda-feira. É só farra mesmo, só bagunça. Na pandemia ninguém via nada disso. Aqui teve muita festa clandestina, teve muita, em cima do morro. Muitas, muitas, muitas, tanto que lá virou um lixão, um lixão de coisas descartáveis, de garrafa, de cerveja, de refrigerante. Teve muito isso na pandemia, porque como não podia fazer por aqui, eles subiam o morro. Na subida de quem vai pra praia, tem uma casinha, você dobra pra direita ou pra esquerda, que um [caminho] vai pra nossa praia e o outro vai pra Canoa [Quebrada]. Pois naquele trecho ali era só paredão, paredão por cima de paredão. Um monte de som. Ali vinha gente de todo canto. Era a noite toda. Sei que quando amanhecia o dia, eu só via os meninos mostrando os vídeos de lixo e mais lixo, que eles traziam as bebidas, as coisas e deixavam lá. Se trouxessem uma sacolinha, terminou, juntou, botou dentro do carro e levou [seria bom], mas não, deixavam tudo lá. Foi até nessa época que a gente começou a reclamar, a falar como comunidade e foi parando mais. Muitos reclamando do lixo, aí eles iam no outro dia e recolhiam, mas não tudo, só a metade e levavam. Que era tanto lixo, que só se fosse um carro de lixo mesmo pra levar tudo, que era muito lixo mesmo que deixavam. (Diálogo realizado em 11/12/2022)

Pelo relato de Alice percebemos que as festas foram um contínuo na pandemia, no caso, aquelas chamadas socialmente de clandestinas, pois violaram os

² Essa percepção foi confirmada por vários/as quilombolas em entrevistas e fora delas. Quando tenho certos *insights* em campo, sobre algum elemento da vida social no Cumbe, costumo comentar ou perguntar sobre o assunto com interlocutores/as.

³ Mais à frente disserto sobre essa festa, mas a festa do mangue é uma festa “política”, de etnogovernança quilombola, ao molde do que vemos em Tavares e Caroso (2022) no caso de quilombolas do Recôncavo Baiano – Festa da Ostra. São três dias de festas, geralmente, nos quais acontecem falas públicas, denúncias de violação de direitos socioambientais, apresentações musicais e “culturais”, oficinas, vivência com o ecossistema local, exibição de documentários sobre a realidade do Cumbe, entre outras coisas. O mangue foi escolhido para nomear essa festa por sintetizar em sua existência e simbolismo toda a luta quilombola local.

decretos de isolamento social das autoridades. Para muitos, mesmo em uma pandemia, era como se as festas não pudessem ser suspensas, por isso ao invés de fazerem as aglomerações à vista de todos, as pessoas subiam as dunas para fugir da fiscalização. Nesse contexto, as festas passaram a ter outro sentido, o sentido do escape momentâneo da realidade pandêmica, para além do puro prazer de festejar. Mas havia também o sentido do perigo, pois o que era festa passou a ser lido socialmente como aglomeração, portanto, como algo que favorecia o contágio viral. Essa lógica que inverte prioridades sociais e os sentidos de certas práticas num contexto pandêmico é o que chamo de ética pandêmica (RODRIGUES, 2024).

Imagem 1 – Banner referente à festa do mangue de 2022. Foto: Ozaias Rodrigues, 2022.



Alice comenta que no Cumbe, as farras, digamos assim, começam na sexta e isso envolve pessoas da comunidade e de fora da comunidade, precisamente pelo território do Cumbe ser muito visado pelos turistas, devido às suas belezas naturais e ao seu espírito festivo. Como não podiam fazer pelas ruas do local, os festeiros resolveram fazer suas festas nos morros, mas deixaram rastros e mais rastros de lixo. Não respeitaram o isolamento social e nem a limpeza do local. Na ótica do que chamo de ética pandêmica, eram festas clandestinas, irresponsáveis e que faziam pandemia (SEGATA, 2020). Nesse sentido e com base em Neto e Gonçalves (2022) é possível dizer que a ética pandêmica não interrompeu, de forma absoluta, as festas públicas e privadas, apenas as limitou e as obrigou a se

adaptarem. Isso sugere que as festas atravessaram a pandemia como algo que continuou apesar dela, ao mesmo tempo em que foram atravessadas pela pandemia e a ela se sucederam. A pandemia “passa”, mas a festa fica.

Na questão do fluxo turístico é importante apontar que os/as quilombolas se beneficiam do mesmo, mas a partir de outra lógica e de outros princípios que não são o do turismo de massa. Primeiro, temos o exemplo do turismo comunitário e em segundo lugar, as vendas dos pescados do Cumbe alimentam o turismo da região⁴, devoto dos frutos do mar, gerando renda aos/às quilombolas. Portanto, o turismo enquanto aspecto social marcante dessa região (Fortim, Cumbe e Canoa Quebrada) deve ser pensado tanto sob a ótica de se constituir um risco num período pandêmico, quanto um grande gerador de renda aos/às quilombolas em períodos não-pandêmicos. A pandemia alterou as relações sociais nesse sentido: algo que é positivo como as festas, tornou-se um agravante da vulnerabilidade dos/as quilombolas na pandemia, devido ao fluxo de pessoas. Uma das interlocutoras, Tia Simoa, reforça a discussão sobre as festas durante a pandemia e como ela impactou o seu cotidiano nos seguintes termos:

Foi bem complicado, pra gente assim, eu sou pescadora, faço turismo comunitário e ele já ficou inviável, porque a gente não podia receber. Fizemos até campanha, que tava entrando muita gente na nossa comunidade, querendo fazer festa nas praias; fizemos até um fechamento na época que tava o auge da pandemia, que era uma coisa que ainda não tinha vacina. Então, a renda pelo turismo comunitário essa já não tinha. A pescaria ficou muito fraca, porque além da pandemia teve também a chegada do óleo⁵. Você para vender marisco era uma coisa muito difícil, com tudo isso. As praias estavam todas fechadas, não tinha a quem vender, então foi um período muito difícil. [...] A gente tinha muito o hábito de sair e isso aí já foi um corte; reduziu o lazer até mesmo dentro da comunidade. A gente gosta de ir à praia; a gente passou mais de ano sem ir à praia, mas eu via gente passando aqui que ia pra lá. No começo a gente tinha um medo tão grande quando ouvia os relatos que a gente não tinha coragem [de sair de casa]. A gente via pessoas vindo e fazendo festa nas nossas praias. A gente não foi pra praia, pra lagoa, a gente diminuiu muito lá no começo da pandemia, o sair de casa e isso foi gerando uma inquietação minha, dentro de casa, inquieta. Que eu sempre gostei de sair, ir pra um lazer, pra uma praia, pra um rio, ou de receber pessoas... e você direto dentro de casa, isso foi mexendo com o meu psicológico.

[...] A gente tinha muita ação dentro da comunidade, da associação, das reuniões, tinha um calendário do ano que a gente precisava cortar para não fazer. Festas não fizemos, [nem] reuniões; mesmo assim a gente se mobilizou muito durante a pandemia, que foi essa história de reuniões on-line. (Diálogo realizado em 22/02/2022)

O confinamento fez-se necessário e a virtualidade dos contatos humanos se impôs como estratégia e necessidade. Se a festa por um lado é para comemorar a vida ou alguma conquista, a festa na pandemia não teve esse significado social, sobretudo para aqueles/as que entendiam a gravidade do momento. As festas clandestinas tiveram um significado de contágio e morte pelo vírus, pois na ética pandêmica, quando a vida está em perigo, as festas são ou devem ser suspensas, da mesma forma que as atividades econômicas deveriam ser para preservar os/as trabalhadores/as. Nesse contexto, quem não obedece à ética da pandemia é julgado/a negativamente e criticado/a⁶.

⁴ Santos (2006) escreve que: “Dada a característica de Município turístico, Aracati caracteriza-se por apresentar uma população fixa e outra flutuante, onde a primeira compreende aquelas habitantes que residem no município e a segunda compreende aquelas pessoas que passam apenas temporada em suas casas de veraneio no período de férias. [...] A principal economia em Aracati é o turismo, devido às belas praias existentes” (SANTOS, 2006: 40-1).

⁵ Ela se refere ao derramamento de óleo que ocorreu em 2019 e que afetou o litoral nordestino de forma predominante.

⁶ A questão de uma ética que se faz numa pandemia e em decorrência dela, guarda similaridade com a descrição que Segata (2017) fez do trabalho de agentes de endemia no combate ao *Aedes aegypti* numa capital nordestina. No quesito de responsabilização pelas contaminações, em determinado trecho de seu artigo ele comenta que: “A presença dos agentes de endemias provoca um desconforto moral. Receber um agente é ser visto como um “contaminador” da rua e por conta disso é comum haver conflitos entre moradores e agentes onde o digital cria a *zona de combate*. Esses embates dizem respeito à responsabilidade pela propriedade dos mosquitos e quase sempre se tornam violentos. Expressões como “os mosquitos

As pessoas da comunidade viam o fluxo turístico continuar mesmo na pandemia, como se nada estivesse acontecendo. Por isso que fizeram a barreira sanitária em 2020. Era inaceitável que muitos/as estivessem se protegendo enquanto outros/as estavam indo para os morros e as praias festejarem. Era a lógica do turismo de massa leviano, sem limites, que ignorava a própria pandemia. No entanto, aponto que as festas clandestinas aconteciam com a participação de pessoas de dentro, jovens principalmente, e de fora da comunidade.

As festas num contexto pandêmico têm sentidos e propósitos distintos. Aqueles que são meramente para diversão em que as pessoas não se resguardam, representam aglomeração e risco de contaminação; aquelas que atendem aos requisitos de precaução de contágio, representam a própria celebração da vida e o cuidado com ela, pois as pessoas se resguardam, como as da associação quilombola do Cumbe, que só aconteceram depois da vacinação e com um número reduzido de pessoas, além de outros cuidados. Essas festas foram reduzidas a proporções módicas, com distanciamento social e uso de máscaras. Acerca deste segundo exemplo de festa e de outras atividades, Antônio Filho disse o seguinte:

A gente tem a nossa festa do mangue, uma festa tradicional, que reúne várias pessoas e no ano que começou a pandemia não teve. Também temos o nosso bloco de papangus⁷, o cortejo karambola, que não teve e esse ano eu acho que não vai ter, em 2022, devido a isso. Também nossas festas juninas... em 2021 a gente teve a do mangue, mas foi com um número reduzido de pessoas e tivemos também a comemoração dos 25 anos da associação. A escola parou. Os alunos tiveram aulas on-line. 2020 não teve aquelas festas com paredão, mas 2021 já tinha algumas aglomerações, porque as pessoas deixaram de ter aquele medo da pandemia. Antes mesmo da vacina, já tinha gente fazendo isso. Tinha pessoas de fora que vinham pra comunidade, se aglomerar, que faziam festa. Em 2021 não faziam dentro da comunidade, porque tinha fiscalização e a polícia vinha. Então eles faziam nas dunas, que tinha até um nome que eles davam... era Vegas, Vegas, todo mundo em Vegas nas dunas. A escola está voltando, capoeira voltamos ainda em 2020, mas voltamos com máscara e em local aberto. (Diálogo realizado em 21/02/2022)

Ao longo da pesquisa de campo percebi que o tema das festas aparecia nas entrevistas mesmo quando eu não perguntava sobre elas. Na fala de Antônio Filho percebemos aquela distinção entre festas restritas ou com cuidados, seguindo a ética pandêmica e aquelas que eram clandestinas, levianas, como essas que ocorriam nas dunas e eram chamadas de Vegas, em referência a Las Vegas. As festas clandestinas representavam uma irresponsabilidade, um perigo do ponto de vista coletivo, mas também apontavam para aquelas pessoas que já estavam negando o poder mortífero do vírus, portanto, já praticavam o seu negacionismo científico. O que Antônio Filho comenta sobre ‘deixaram de ter aquele medo da pandemia’, nada mais era do que os negacionistas festejando a sua estupidez em um contexto permeado pela possibilidade da morte, mediante o vírus, a qualquer momento.

Nesse sentido e no contexto pandêmico, as festas são vistas a partir da chave da aglomeração, como já indiquei, pois elas favorecem o contágio viral. É meio óbvio que as festas naturalmente aglomeram pessoas, mas enquanto fator de risco, o sentido implícito de aglomeração que as festas têm assoma e passa a ser

do vizinho” ou “os mosquitos do fulano de tal” denotam que “o problema tem dono” e corroboram a perversidade da individualização das ações que marca o universo dessas contaminações – ou seja, aquela ideia de que “alguém não fez sua parte” (SEGATA, 2017: 33). Obviamente, os contextos são distintos, mas o que quis reforçar aqui é que a ética pandêmica permite a responsabilização de indivíduos pelas contaminações, no sentido de serem tachados como ‘contaminadores’, enquanto categoria de acusação, sendo marcados por um signo negativo.

⁷ Sobre os papangus no Cumbe dissertei longamente em Rodrigues (2025). Aqui podemos defini-los como uma prática tradicional de performance de personagens mascarados, vestidos com trapos de roupa, que interagem com os locais, nas ruas, em períodos festivos como o carnaval.

destacado. Aglomeração, assim como outras palavras pouco usadas, passou a ser mencionada cotidianamente nos jornais e nas conversas informais. O lado oposto da aglomeração é o isolamento social e sobre isso, uma outra interlocutora, Kátia, comentou da seguinte forma:

Teve um povo que foi desleixado, era passando doença pros outros, queria o mal mesmo. Tinha que estar fechado e não podia ter aquela aglomeração. Tinha festa em cima dos morros, porque não podia abrir. Era as [Las] Vegas, gente em cima do morro. Bebedeira até uma hora da madrugada. Gente de fora e de dentro da comunidade. As barracas estavam fechadas, aí o povo ia pras praias. As praias estavam lotadas, cheias de gente. As lagoas também, porque não podia, mesmo no auge, no pico, no pico mesmo, estava lotado. O Cumbe era mais movimentado do que não sei o quê. Passavam os carros aqui. O povo não queria saber não. Mesmo sem poder ir estavam lá e a Covid foi se encostando, que chegou um momento que muita gente pegou. Alguns pegaram, logo no início e não diziam, era abafado. Depois era que a gente sabia, que fulano pegou Covid. Só que esse fulano que tava com Covid passou por aqui. Sicrano tá com Covid, mas a mulher dele tá correndo na rua. Então, aqui no Cumbe não teve esse negócio do povo ficar dentro de casa. Eu fiquei dentro de casa, mas era só eu, porque meus sobrinhos batiam à beira, ia pra Majorlândia, iam pro meio do mundo. Ia bater perna, pra Vegas e a gente dentro de casa se guardando. Enquanto a gente se guardava tinha um monte por aí, andando... em toda casa tinha uns que se guardavam e outros não. Aqui em casa se guardou tanto que mamãe pegou (risos). Em outras, fulano não se guardava e passava pros outros. Aqui durante os picos [da pandemia] era farra, pinga e foguete [libertinagem] direto. (Diálogo realizado em 14/12/2022)

O silêncio sobre a possibilidade de ter sido infectado pelo coronavírus indica um certo receio de ser visto como irresponsável e, sobretudo, como um perigo em potencial, como um agente vivo do próprio vírus. Os negacionistas, ao ignorarem o vírus, se tornaram fatores de risco. Eram os que mais desrespeitavam o isolamento e favoreciam o contágio. Vegas é mencionada novamente e o fato de se chamar assim diz muito sobre quem frequentava as festas clandestinas. No senso comum Las Vegas é a cidade onde tudo se pode fazer ou como se diz comumente, o que acontece em Vegas fica em Vegas. Assim, os negacionistas, de dentro e de fora da comunidade, sabiam muito bem o que estavam fazendo e sabiam que estavam favorecendo o vírus. É a isso que Karol se referiu como sendo ‘um povo relaxado e que queria o mal mesmo’, tanto que os que participaram das Vegas contraíram e espalharam o vírus. Aponto que os jovens foram identificados nessa e em outras falas, como os que mais furavam o isolamento social.

A pandemia, enquanto fenômeno biossocial, fez circular um conjunto de conceitos e termos no dia a dia, a nível recorde, que antes não eram conhecidos ou raramente usados; o vocabulário biomédico e infectologista passou a circular entre as mais variadas classes, raças, escolaridades, profissões, etc.; passou a atravessar as conversas mais banais do cotidiano. Isso foi possível porque a pandemia era a ordem do dia e para viver numa pandemia é preciso vivê-la através de conceitos que ajudem a nos adaptar a ela - quase como uma domesticação -, nos familiarizar com ela, compreendê-la. Ela suspende o fluxo “normal” das sociedades para instaurar um novo regime de tempo, de sentidos, de ética e prioridades.

Antônio Filho complementa sua fala trazendo mais detalhes e faz sua avaliação do modo como as autoridades lidaram com a pandemia:

Em relação à prefeitura de Aracati, ficou muito a desejar em relação à pandemia, porque a própria prefeitura fazia pequenos eventos, até grandes eventos, sabendo que a gente estava numa pandemia. Eu vejo de forma negativa, que eu acho que ela deveria evitar ter as festas que houve; teve a da gastronomia, que juntou várias pessoas de vários lugares, teve bandas... isso foi em 2021. O lado positivo que teve foi porque bem no início o prefeito [Bismarck Maia] agiu de forma preventiva, teve lockdown, teve, mas não era porque ele queria, era ordem do governo do Estado. Mas ele tinha que acatar, lógico. Isso eu achei positivo. Eu tenho uma péssima avaliação em

relação ao presidente, ele negou as vacinas, sempre desdenhou do vírus, dizendo que era uma gripezinha, [algo] que chegou a matar cerca de 700 mil pessoas.

[...] Quando a gente fez a barreira foi um momento conturbado; isso foi bem no começo, porque a gente realmente tinha essa preocupação, esse medo. Então, pra gente evitar, a gente acabou fechando a estrada e só entrava pessoas da comunidade ou parente de alguém daqui que vinha de Aracati, para resolver alguma coisa muito importante, como deixar medicação, essas coisas. Entrava, mas as outras pessoas que vinham pra festa, pra curtidão, essas pessoas eram barradas e a gente pedia pra elas se retirarem do local. Teve até um momento constrangedor pro pessoal que estava na barreira, porque teve um caso de dois homens que foram barrados e eles voltaram armados e diziam que iam entrar. E o rapaz que estava lá disse que não, aí foi quando um deles levantou a camisa e mostrou o revólver. Como os meninos estavam desarmados não iam bater de frente com quem estava, lógico, tiveram que deixar a pessoa passar e ninguém sabe o que essas pessoas vieram fazer. Já era tarde, mais de doze horas da noite. (Diálogo realizado em 21/02/2022)

O negacionismo em relação à pandemia não era só das pessoas comuns, digamos assim, mas também das autoridades, como foram os casos do prefeito de Aracati e do ex-presidente da República – Jair Messias Bolsonaro. Havia uma inconstância nas atitudes de prevenção ao vírus, tanto pelos cidadãos comuns como por certas autoridades, que insistiram em fazer eventos no meio de uma pandemia. Por isso mesmo, que política faz pandemia e uma política que nega o poder do vírus mais ainda. O prefeito só acatou as medidas de isolamento num primeiro momento e não deve ser elogiado por ter feito o mínimo e executado a lei quando achou conveniente. Fiz uma avaliação mais aprofundada sobre a atuação das autoridades na pandemia em Rodrigues (2024).

A barreira sanitária que os/as quilombolas fizeram, em 2020, encontrou resistência de pessoas de dentro e fora da comunidade, sobretudo pelas de fora que sempre insistiam em tentar passar pela barreira, chegando até mesmo a ameaçar a vida dos que estavam impedindo sua passagem. As belezas naturais e a acolhida das pessoas do Cumbe são incentivos para que o lugar seja visto, por pessoas de fora e por turistas, como um lugar para passear, para curtir, relaxar e fazer festa. Fica mesmo difícil imaginar o Cumbe como um lugar sem agitação, sem aglomeração de gente vindo de vários lugares da região e do Ceará, até de outros estados e países. Cleomar também comenta sobre a barreira que fizeram e sobre o fluxo grande de pessoas na comunidade durante a pandemia:

Eu vi Aracati, pela primeira vez, um deserto e eu fiquei muito assustada, porque aquilo indicava o agravante da situação que a gente estava vivendo. Uma cidade que sempre estava lotada e eu não via, naquele momento, ninguém. Um verdadeiro cemitério. E algumas notícias me assustavam cada vez mais. A gente se preocupava, no geral, com a situação nossa, da comunidade e a situação econômica. Desde março [de 2020] que a situação ia ficando difícil, tanto pelos casos de multiplicação de Covid, quanto dos decretos, os lockdown e a gente da comunidade, com cuidado, a gente achou que seria melhor fazer uma barreira sanitária, para ter um controle, porque tinha muitas pessoas passando pela comunidade nesse período; muitas praias fechando e decidimos fechar. Nesse período de março [de 2020] tinha chovido bastante, as lagoas [interdunares] estavam todas cheias, então era muita gente vindo para cá, de noite, de madrugada. E a gente com aquela preocupação num momento difícil, de estar se resguardando, tendo esse cuidado. A gente conversando, nós da associação quilombola, pensamos em fechar, fazer uma barreira sanitária para ter um controle, deixar só o nosso povo passar, para não ter passeios aqui, como tava tendo frequentemente. Muita gente passeando, curtindo, bebendo e tudo. (Diálogo realizado em 25/02/2022)

Essa fala confirma a percepção que tive sobre o motivo do grande fluxo de pessoas na comunidade: os atrativos naturais. Por ter praia, mangue, rio e lagoas interdunares, o Cumbe se destaca como ponto turístico em Aracati, sobretudo por sua proximidade com o núcleo urbano do município e por estar no meio de dois

outros polos turísticos bem conhecidos da região: Canoa Quebrada e Fortim. Canoa Quebrada, Cumbe e Fortim, formam uma tríade turística de extrema relevância na região. É nesse contexto de intenso fluxo de pessoas que a necessidade de uma barreira sanitária se impôs. Assim, fluxos turísticos também fazem pandemia. Quando o momento era de suspender ou restringir o lazer ao máximo, muitos ainda insistiam em ir ao Cumbe para festejar. Jeane confirma isso dizendo que:

A comunidade é turística, então tem muito visitante. Aqui tem as dunas e como tava tudo fechado, as pessoas estavam vindo fazer festa em cima do morro. A gente viu que, já que o gestor público não estava tomando atitude, a comunidade fez isso [barreira sanitária], para minimizar a entrada de pessoas que pudessem trazer o vírus pra nós. Não foi fácil, porque a gente não teve o apoio da prefeitura. As outras comunidades que foram fechadas elas tiveram apoio, a prefeitura ia deixar água, merenda, alguma coisa, bomba para [desinfectar] os carros. E a gente foi só com a cara e a coragem. Tinha que lidar com gente de fora e de dentro que não concordava. Alguns de dentro deram a ideia de fechar, mas nós quilombolas tomamos a frente [e dissemos] 'vamos, tem que ir, porque senão vai virar bagunça dentro da comunidade'. O pessoal que não se reconhece [quilombola], só porque fomos nós que fizemos a barreira, eles não aceitaram, aí se tornaram contra o fechamento. Na cabeça deles, eles queriam fazer, mas a gente foi quem teve a iniciativa de fazer.

Tirando a parte dos jovens, [todo mundo se cuidou, atendeu às restrições], eu acho que isso tem que ser trabalhado. Os jovens de hoje estão com a cabeça muito diferente. Eu penso muito sobre isso. Mas sim, a comunidade cumpriu o isolamento, muitas pessoas. Tiveram os cuidados, evitaram visitas. Tirando os jovens com as festinhas... eram os mais teimosos. Gente daqui fazendo festa, vinha os paredões de Aracati, aí os jovens de Aracati se juntavam com os daqui. Deixava garrafa no chão, latinha, um bocado de... deixava tudo sujo. (Diálogo realizado em 12/12/2022)

Os relatos de Cleomar e Jeane indicam que a situação estava fora de controle para um contexto pandêmico e que por isso decidiram agir. Os jovens são mencionados novamente como os responsáveis pelas festas clandestinas. Os/as quilombolas não tiveram apoio da prefeitura ao fazerem uma barreira sanitária e percebemos que o problema das festas clandestinas era interno e externo à comunidade. O mínimo que os/as quilombolas puderam fazer para evitar o pior foi essa barreira, que contou com adesão expressiva de moradores/as.

O caráter turístico do Cumbe explica, em alguma medida, a percepção que tive de o Cumbe ser mais urbanizado e cosmopolita, quando comparo-o ao Córrego de Ubaranas, que não está inserida, por exemplo, num contexto turístico como o Cumbe. Penso que o fato de estar localizado entre Fortim e Canoa Quebrada, fez com que o Cumbe fosse influenciado por essa verve turística da região, fazendo com que o mesmo tenha essa particularidade cosmopolita. O assunto das festas é retomado por Jeane em sua avaliação das autoridades durante a pandemia:

O presidente foi uma negação total, primeiro que ele era contra a vacina. Uma negação total, fez tudo ao contrário. Já o governador [Camilo Santana] seguiu bem a linha que nós estávamos seguindo, de fazer o isolamento. Eu sei que foi difícil, mas se todos nós não fizessem o sacrifício do isolamento... eu sei que muita gente passou necessidade, como eu também passei, mas graças a isso conseguimos minimizar um pouco aqui no Ceará. O prefeito só isolava quando convinha a ele. Se fosse pra fazer alguma coisa ele escancarava, senão era isolamento, como nas escolas, isolou total, mas ele fez festa em momentos em que a gente pensava 'não é agora [a hora de fazer festa]'. (Diálogo realizado em 12/12/2022)

O ex-governador, nessa e em outras avaliações, foi elogiado, mas o prefeito e o ex-presidente continuaram sendo os mais criticados por suas posturas na pandemia. O negacionismo, na figura dessas duas autoridades, estava instituído.

Além disso, Jeane tocou no ponto principal do isolamento: por mais que sofrêssemos com ele, era preciso estancar o contágio, senão as pessoas iam continuar sendo infectadas e morrendo e esse quadro iria se prolongar para além da catástrofe que foi essa pandemia. A questão da renda e do trabalho foi duramente afetada, sobretudo na realidade daqueles/as que dependem diretamente de seu trabalho para comer e viver. Além de Jeane, Dona Edite também dá seu parecer sobre o assunto:

O presidente, no caso, foi péssimo. O prefeito, pior ainda, porque ele não fez nada pelos que morreram aqui. Nem dizer que morreu, nem publicar o boletim [médico] ele deixava. É verdade. Pra dizer que não tinha gente morrendo. O governador foi o melhorzinho, mas o Bolsonaro e esse prefeito de Aracati, foram péssimos. Esse de Aracati não botava nota nenhuma, não saía nada, nada. Ele fazia era festa na praça, dançava. O prefeito de Aracati não tá nem aí pro Aracati. Ele quer deixar o Aracati, se ele não ganhar mais pra prefeito, pro prefeito que pegar a prefeitura, pegar ela com muito rombo pra pagar. O prefeito só pensa nele, não pensa em ninguém não. Só pensa nele, em festa, em areninha pra em dois meses já tá se acabando tudo. O prazer dele é zombar de você. Querer mandar em você. Quer ser o dono não é só do Aracati não, mas do pessoal de Aracati, principalmente dos que trabalham na prefeitura. (Diálogo realizado em 17/12/2022)

Para além da crítica contundente de Edite ao prefeito de Aracati, mais uma vez a incompetência de duas das autoridades avaliadas é afirmada categoricamente. Como Edite e outras pessoas comentaram, o prefeito sumiu com os dados de morte e contágio em Aracati durante a pandemia. Mais uma vez estando preocupado mais com a imagem de sua gestão, do que com o povo, propriamente dito. Por enquanto, isso basta para entendermos como as festas clandestinas e a política negacionista de certos políticos fizeram pandemia. Agora podemos comentar sobre as festas do Cumbe antes da pandemia.

Festas tradicionais, mangue e alegria

A imagem que abre este artigo é um registro fotográfico do banner referente à VIII Festa do mangue, intitulada ‘*Manguezal berçário da vida marinha e do Bem Viver (Biointeração) dos Povos das Águas*’. No banner temos em destaque uma representação do rio Jaguaribe e o logotipo da associação quilombola. Chamo a atenção para o conceito de ‘biointeração’ presente no banner, visto que foi um conceito central em minha tese sobre o Cumbe (RODRIGUES, 2024). Do meu ponto de vista, a inserção deste conceito no título da festa se deu por influência de João do Cumbe, que é um pesquisador *insider*, é nativo e pesquisador, além de militante, sendo um intelectual orgânico bem conhecido na região. No começo do artigo comentei sobre o espírito festeiro dos/as moradores/as do Cumbe, falando das aglomerações pandêmicas. Aqui falarei mais sobre as festas tradicionais e, sobretudo, a do mangue. Trago a fala de Edite que afirma o seguinte:

Aqui no Cumbe a comunidade é muito festeira. Eu vou começar pelas igrejas. Antigamente, a festa do nosso Senhor do Bonfim, era uma festa muito falada, muito animada. A gente trabalhou na igreja, nas missas do Senhor do Bonfim, a gente fazia aquelas cinco noites de novena. Saía pedindo prenda pro Senhor do Bonfim, pro leilão. Pra no último dia a gente fazer a missa e aquele leilão. Contratava um seresteiro e fazia aquela festa. No sábado à noite tinha uma festa tradicional do Cumbe muito falada, com muita gente. Era umas coisas muito bonitas e com muita gente. Chegou uns padres... você ia pro leilão, tinha aquela seresta e você queria tomar uma cervejinha e arrematar as prendas. Dava muita gente, muita. Daqui e de fora, até de Fortaleza. Era muita gente. Os padres tiraram isso porque não iam aceitar vender bebida, mas não era dentro da igreja. Era lá fora, no pátio. Porque o álcool é uma droga e eles eram contra as drogas. E como estavam aceitando uma droga ali? Aí foi caindo,

a festa. As danças e as festas tradicionais foram caindo. Por causa disso foram se acabando. Você pelega pra trazer as festas animadas, até as da igreja acabou. Até as missas estão pra acabar, que vai pouca gente. Nas festas dançantes, esse ano que deu mais gente em João Paulo⁸, ali. Mas nos outros anos só tem prejuízo. A festa animada que está acontecendo na comunidade é a do quilombo, do mangue [festa do Mangue]. Essa festa o pessoal diz que tá melhor do que as festas tradicionais do Cumbe, que foram se perdendo. (Diálogo realizado em 17/12/2022)

Enquanto padroeiro da comunidade, o Senhor do Bonfim é sempre lembrado quando se fala em festas tradicionais. Novena, prenda, seresta e leilão faziam parte dessas festas. O Cumbe já aparecia como local de grande concentração de pessoas, de dentro e de fora. Houve ali um conflito entre o sagrado e o profano, tendo aquele prevalecido e este sido prejudicado, o que fez com que as festas e as danças declinassem ao longo do tempo. Os padres não aceitaram o caráter profano da festa, como se só de reza e Ave Maria vivesse o homem. Não só isso, mas também os conflitos internos que ocorreram, entre quilombolas e não-quilombolas, impactaram na frequência e no formato das festas tradicionais. Houve uma separação entre a festa profana e o rito religioso. Ainda hoje ambos acontecem seguindo o calendário religioso, mas em espaços distintos, como me contou Ana Paula.

Como muitos/as idosos/as da comunidade, dona Edite demarca muito bem a diferença dos ‘tempos de primeira’ para os tempos de hoje. Sua narrativa aponta para as festas que deixaram de acontecer e para as que surgiram. Em ambos os casos o espírito festeiro se manteve, afinal, não importa a festa, mas festejar. A festa mais conhecida atualmente no Cumbe, a festa do mangue⁹, representa até certo ponto a retomada das grandes festas que movimentam a comunidade. Por isso que ela já é vista como tradicional, pois é quase uma retomada de outras, é a continuidade do espírito festeiro, a ponto de já estar sendo considerada ‘melhor do que as festas antigas’, como mencionou Edite. Assim, a festa do mangue se tornou tradicional por seu poder agregador de pessoas que as festas no Cumbe sempre tiveram, como um encontro de celebração do profano da vida. Dona Edite ainda complementa seu relato dando mais detalhes:

Tinha um clube ali. Hoje em dia tem aquela lei que se botar o som mais alto a polícia chega. Aqui no Cumbe, era sábado e domingo ali com forró; eu tava [sempre lá]. Todo domingo eu tava lá. Quando dava fé a polícia chegava e foi acabando com tudo. Essa [festa] de João Paulo foi em homenagem ao Senhor do Bonfim. Esse ano deu mais gente. Hoje em dia tem esse negócio de vender antecipado, bota pra cá, bota pra ali. Teve gente que se afastou da igreja por causa dos quilombolas, dos conflitos. Teve um ano aí que João [do Cumbe] fez uma homenagem. Sei que juntou todos os pescadores e iam entrar na igreja, um com a tarrafa, outro com outra coisa... a igreja tava assim de gente [lotada]. Quando João chegou fazendo essa encenação, só ficamos nós. [Em 2018 isso]. O pessoal foi tudo saindo da igreja. No tempo dessa festa, teve umas moças que a gente chama assim pra nossa festa e vem pra uma noite. Vem um homem da Vila Rafael e veio uma moreninha. Nessa noite, essa mulher estava vindo pra celebração e ela foi elogiar os quilombolas. Pra quê que ela falou essa palavra... quase ia sendo linchada na igreja. Foram se apartando da igreja, porque era nós quem tomava de conta dela, os quilombolas. (Diálogo realizado em 17/12/2022)

Um dos pontos de festa da comunidade era o clube chamado de Agito Jovem. Devido a brigas constantes entre clientes do clube, som alto e reclamações de vizinhos, ele acabou fechando e assim o Cumbe perdeu mais um espaço de lazer.

⁸ Espaço de lazer chamado de Buraco do Guaiamum.

⁹ Essa festa que guarda paralelos com a Festa da Ostra comentada por Tavares e Caroso (2023: 21), não separa religião, política e festa, por exemplo, mas congrega vários aspectos em si mesma, portanto, não é apenas uma festa, nem só um ato político, mas lazer, turismo comunitário, estabelecimento de parcerias diversas, afeto, encontros, experiências com o ecossistema local, pesquisa, entre outras coisas.

Os conflitos internos¹⁰ reaparecem com seu caráter desagregador, a ponto de mudarem o hábito de ir à igreja. Ao longo dos conflitos, os/as quilombolas se afastaram da igreja católica da comunidade e os/as não-quilombolas preencheram o espaço de devotos e administradores dessa igreja. É interessante notar como os conflitos internos atravessaram a expressão religiosa local, tendo como consequência uma baixa nas celebrações, missas e outras atividades religiosas devido à divisão na comunidade¹¹. Nesse contexto, a palavra ‘quilombola’ é citada como causadora de tensões e dissensos, como Edite exemplificou, o que lembra o meu trânsito entre não-quilombolas, visto que tive receio, em campo, de usar o termo com quem não é quilombola, pois nem todo contexto era propício para se falar em ‘quilombolas’.

Entre outras coisas, o que se destaca quanto à negação da identidade quilombola do Cumbe é o que Cleomar chamou de ‘luta alegre’ ou ‘resistência festiva’. Em uma de nossas conversas, em sua casa, ela contou da alegria que sente em lutar pelo seu território e por sua identidade, mesmo com a sobrecarga de demandas que a luta impõe aos seus ombros. A ‘luta alegre’ da qual nos falou foi mencionada numa conversa em que ela falava sobre os papangus, uma tradição carnavalesca local. Ao mudar de assunto e comentar um certo conflito que houve na comunidade, ela afirmou que no mesmo dia eles/as festejaram, com direito a som alto, bebida e risadas, se negando à prostração moral que o contexto sugeria. Essa luta é o que dá sentido, atualmente, à vida dos/as quilombolas do Cumbe e nada os/as faz querer desistir de sua ‘resistência festiva’ pela vida.

Tendo isso em vista, em certa ocasião, João do Cumbe disse que eles/as estão sempre fazendo festa, mesmo depois de algum baque, perda ou ataque aos seus direitos. Em outro momento, João disse que a festa do mangue são ‘três dias de ocupação nos quais eles/as fazem na comunidade junto a outras pessoas’. Assim, a festa do mangue é um exemplo da capacidade de mobilização social dos/as quilombolas; ela tem um poder agregador e mobilizador considerável. Nesse sentido, a festa de 2022¹² foi bem movimentada e vista como a que mais agregou gente, desde que essas festas começaram a ocorrer. Sobre isso Alicinha comentou que:

A festa do mangue representa pra gente hoje algo tradicional, uma festa que se tornou tradicional. Na época da pandemia não teve, o que é muito triste porque a gente se prepara o ano todo para fazer essa festa do mangue e a festa do mangue é tudo pra nós agora. Principalmente essa última agora que teve, que ela bombou mesmo e eu espero que no próximo ano a gente faça uma mais bonita e melhor. Pra mim a festa do mangue é tudo, pra gente aqui, porque muita gente não conhecia nossa comunidade e com essa festa muitos vieram visitar e conhecer. A festa do mangue é tudo pra gente agora. (Diálogo realizado em 11/12/2022)

Para além de uma característica do cotidiano, em seu sentido espontâneo e ordinário, digamos assim, as festas têm seu caráter excepcional ou ritual (NETO e GONÇALVES, 2022), como é a festa do mangue, onde dezenas de pessoas, talvez centenas, vão à comunidade conhecê-la ou vivenciá-la, enquanto do lado dos/as quilombolas eles/as mostram sua realidade e politizam a festa na ocasião. É um grito de existência, de falar para fora, para os outros, de fortalecer laços com diversas pessoas e grupos. A partir de observação em campo e tendo participado de três edições da festa do mangue, afirmo que essa festa é um rito coletivo de

¹⁰ Uma descrição pormenorizada dos conflitos internos foi feita em Rodrigues (2024).

¹¹ Um exemplo disso foi o que observei em 2023, quando passei alguns meses morando no Cumbe. As novenas do mês de maio encenaram uma divisão explícita na devoção das mulheres católicas da comunidade: na casa de Edite as novenas ocorreram com as mulheres quilombolas. Já no “posto de saúde” as novenas ocorreram com as mulheres não-quilombolas. Sobre isso ver Rodrigues (2024).

¹² Cada festa do mangue tem um tema. A de 2022 era *Manguezal berçário da vida marinha e do Bem Viver (Biointeração) dos Povos das Águas*. Já o tema da festa de 2023, a nona edição, foi *Viver Quilombola e Mudanças Climáticas*.

autoafirmação quilombola e de convocação direta de parceiros/as para que se juntem na luta pelo território, sobretudo pelo mangue, o símbolo maior dessa luta.

Para além do estresse que é a organização de uma festa desse porte, a festa do mangue nos mostra a capacidade de autogestão quilombola e do poder de convocação que a luta pelo território tem. Essas características guardam semelhanças com a Festa das ostras, realizadas por comunidades quilombolas do recôncavo baiano, descritas por Tavares e Caroso (2023). Dessa forma, é interessante notar que em ambos os casos o elemento em destaque no nome da festa é algo relacionado à economia e ecossistema locais, também relacionado à água e ao seu poder de produzir e abrigar vidas humanas e não-humanas. Ostras também estão presentes na cultura alimentar dos/as quilombolas do Cumbe e indicam sua relação de cuidado com o mangue e o rio. O que Edite falou sobre essa festa, vai na mesma linha do comentário de Alice:

A festa do mangue, pra mim, ela representa vida, alegria, harmonia, resgatando a tradição daqui, a nossa identidade, o que já vivemos. Então essa festa representa muito isso. Levar o pessoal para aquelas oficinas, mostrando como é que a gente vivia. É isso, é um lazer, é cultura. É tudo isso. Representa nosso território. (Diálogo realizado em 17/12/2022)

A festa do mangue, portanto, é a continuidade da tradição festiva do Cumbe, é uma reinvenção dessa tradição e é a continuidade de uma vida alegre, o ápice de uma resistência festiva, como explicou Cleomar. É uma convocação para a luta pelo território, mas uma luta alegre, que se faz com festa, com música, com dança e que se faz com muita gente, com risada, bebida, comida, com afeto e com tudo o que potencializa essa luta e os corpos envoltos nela. Uma outra fala de Jeane vai no mesmo sentido do que Edite comentou:

O Cumbe é festeiro mesmo, mas eu sou mais calma, não ando muito em forró não. Tem até uma festa tradicional, uma semana antes da festa do mangue, que teve. Eu não fui nessa, eu fui na do mangue, porque eu sou envolvida. Acho que eu esfriei (risos). Saio não, só quero sair [de casa] agora pra comer. Quando a gente era jovem ninguém queria saber de comer e queria festa e quando a gente casa a gente só quer saber de comer e não quer saber de festa. Eu não sei porquê. Essa tradicional é a do Senhor do Bonfim, que acontece anualmente, aqui no Cumbe também. É uma semana de novena, que encerra no domingo com uma missa e tem a festa dançante no sábado à noite, com forró. No forró da festa do mangue eu tava, nesse eu tinha que tá. Eu tava tão feliz, que o sucesso da festa foi grande. Muitas pessoas, tem muito imprevisito, orçamento acochado, apertado... A festa do mangue pra mim é uma força. Você mostrar para aquelas pessoas o que a sua comunidade tem de real pra oferecer, porque a gente tem muito pra oferecer. A vivência no rio, é uma experiência única, a gente gosta muito do forró, mas pra mim a melhor experiência é do sábado, quando tem a convivência no rio¹³, que você tá ali naquele ambiente, em contato com a natureza. Tá extraíndo um alimento e você mostrando para as pessoas que ali tem vida sim, 'não mangue, sou mangue' [trecho de uma música]. É uma sensação que não tem explicação. É algo tão simples, mas tão grandioso, de você estar mostrado ali para as pessoas. (Diálogo realizado em 12/12/2022)

O espírito festeiro do Cumbe é reafirmado novamente e o profano voltou a se imiscuir no sagrado. Quanto à festa do mangue, a felicidade de fazer parte da festa é proporcional à responsabilidade e estresse que a organização da festa enseja, ao agregar muita gente e muitas atividades. Falo desse outro lado da festa, pois presenciei as conversas após a festa do mangue de 2022. A festa não é só festa, é também responsabilidade com a acomodação das pessoas, a alimentação delas e

¹³ Jeane faz referência às oficinas que ocorrem durante as festas do mangue, geralmente num sábado. As oficinas ocorrem nas margens do rio Jaguaribe, nas águas e nas croas – bancos de areia que surgem em trechos do rio. Nessas oficinas é possível fazer mariscagem, retirar búzios, sururus, ostras e itãs - mariscos locais.

cuidados complementares para seu bem-estar. As preocupações são constantes durante a festa, mas isso faz parte. Porém essa festa é uma força, como Jeane disse, algo que coloca os/as quilombolas em movimento, que compõem com outras pessoas, é afirmação da vida biointerativa (SANTOS, 2015) naquele território. É a celebração dessa vida biointerativa que não tem explicação, que é simples e que é muito, que é gigante e que não cabe nas palavras dos/as quilombolas.

O mangue é ressignificado na festa. Esse ecossistema que é visto no senso comum como algo sem valor, como algo sujo e fedorento, é afirmado em sua riqueza, em sua vida e nas vidas que comporta, vidas humanas e não-humanas. O mangue é positivado nessa festa, pois foi, por outro lado, apropriado negativamente na construção de estereótipos sociais em torno da identidade pesqueira, como comenta Jeane:

Porque assim, o pescador não é valorizado. [A atividade pesqueira é vista como suja]. É algo sujo. Se a gente for fazer uma entrevista e tiver uma mulher pintada, com cabelo arrumado, dizem que não pode. Eu acho isso tão bárbaro, porque hoje em dia, no século em que a gente tá vivendo, quem é a mulher que não tem o cuidado de fazer uma unha? Ela pesca? Pesca sim. Quando chega em casa, toda mulher tem seu ritual de beleza. Eu sei que a gente é mais desgastada do sol, que a pele da gente é mais sofrida. Mas se a gente não tiver o mínimo de trato com a gente, quem é que vai ter? Nos órgãos [instituições públicas] em que a gente chega, [eles acham que] o pescador tem que chegar sujo e fedorento. Eu não entendo por quê. A gente não tem água, sabonete e um escovão em casa? Não pode ficar bonito não? Eu acho que é aquela coisa de novela, que passa o pescador com escama pregada [na pele] (risos). Na festa do mangue a gente mostra isso. Sábado de dia a gente tá ali dentro do rio, em contato com o rio, com a lama, com o peixe, com tudo, no sol. E quando é à noite a gente tá linda, maravilhosa, cheirosa e dançando (risos). É indescritível, é maravilhosa [a festa]. [O rio, o mangue] não é só renda, é vida, é bem-estar. Bem-estar, [você] falou tudo. (Diálogo realizado em 12/12/2022)

Os estereótipos tentam reduzir pescadores/as e trabalhadores/as do mangue a indivíduos sujos e sem valor e os/as quilombolas do Cumbe sabem bem o que é passar por isso. Ao ressignificarem o mangue em sua festa, eles/as também estão ressignificando a si mesmos/as. Estão dizendo aos estereótipos que a sujeira não lhes define, sendo que esses mesmos estereótipos são mais fortes quando recaem sobre corpos femininos, pois mulheres pescadoras ‘não podem ter vaidade’. Mas elas têm sim, queiram as más línguas ou não. Assim, no Cumbe há beleza, festa, trabalho e corpos cobertos de lama, queimados pelo sol e molhados pelo rio. O Cumbe é tudo isso e mais um pouco, por mais que tentem reduzir ele a preconceitos. Um outro interlocutor, Victor, também fala sobre a festa do mangue. Sua avaliação da festa é profunda e até poética:

A festa do mangue para gente é um fortalecimento muito grande, é um patrimônio da comunidade, para as pessoas daqui. Que partiu de um momento, de uma derrota e a gente estava bem fragilizado com o que vinha acontecendo e aí teve essa ideia de fazer algo, pra gente se unir, esquecer um pouco das preocupações e se fortalecer. Aí se transformou nessa festa cultural que é hoje, com essa dimensão cultural, política e social, que faz com que outras pessoas conheçam as lutas, conheçam a resistência, que elas se envolvam nesse processo, ajudando de alguma forma. Então, a festa do mangue tem pra gente essa dimensão do fortalecimento, dimensão de contribuir com a renda local, porque tem muitas pessoas que vem e também a dimensão das pessoas conhecerem, se apropriarem e elas poderem estar de alguma forma ajudando, se somando, fazendo essas denúncias que a gente grita, que a gente fala, que vai contando no dia a dia, das vivências, o porquê da festa do mangue, da valorização do ecossistema manguezal, que é a nossa grande fonte de vida, de onde a gente tira o nosso sustento, que tem nossos momentos de lazer, momentos de reflexão... são muitas interações, tanto que o tema desse ano foi biointeração. (Diálogo realizado em 11/12/2022)

A festa do mangue, portanto, tem um caráter lúdico, de festejar a vida, mas

que implica num empoderamento coletivo dos/as quilombolas. Ela expressa a resistência festiva do Cumbe, pois nem só de luta é feita uma luta; é preciso fazer festa também. O fato dessa festa ser um rito de convocação coletiva para a defesa do território é asseverado por Victor. A descrição que ele fez da festa do mangue, manifesta aquilo que eu já tinha comentado sobre a capacidade de mobilização social dos/as quilombolas. A festa é um rito de fortalecimento interno e externo, é uma confluência de pessoas, de ideias, de vivências e de interações com o território; é uma festa biointerativa. Além disso, Victor informa em que contexto surgiu a ideia da festa do mangue:

Foi o episódio da reintegração de posse, em 2014, o estopim para gente fazer a festa, acho que a primeira festa foi em 2015. Foi em 2014 que a gente teve esse baque muito grande, de forma violenta, desrespeitosa, criminoso. A gente conversou, se reuniu e surgiu a festa do mangue, que começou como isso, depois que tomou outras proporções e é uma festa que está no nosso calendário de eventos. É o carro-chefe daqui. Temos outras, o arraiaá do manguezal, temos o bloco karambolas e tudo é para esse propósito de fortalecimento; tem o dia do quilombo, que é em dezembro, agora dia 5. Tem outras celebrações que vão se dando anualmente, que ocorrem a partir das demandas dos movimentos sociais, que o Cumbe também sedia, como a Teia dos Povos, tem várias outras que vão se somando ao longo dos anos. (Diálogo realizado em 11/12/2022)

Essa fala me lembra do recorte cronológico que citei em Rodrigues (2024), de 2014 a 2018, no qual os conflitos internos foram exacerbados, radicalizados. A luta e os conflitos trouxeram derrotas aos/às quilombolas, mas as derrotas foram convertidas em festa, em energia para agregar mais pessoas à luta. É nesse sentido que se deve entender a resistência festiva no Cumbe, como criatividade diante das perdas, como rito de celebração da vida, como rito de defesa do território, como uma negação da prostração física e mental que os conflitos com os não-quilombolas e com os empreendimentos impõem.

Essa luta festiva quilombola bagunça a ideia de uma luta ser apenas luta ou a ideia de uma paz inerte, sem alegria ou movimento. Como Beatriz Nascimento (2018) escreveu, quilombo é “uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz, mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. Uma possibilidade nos dias da destruição” (NASCIMENTO, 2018: 8). Para mim, esse é o sentido da festa do mangue, o sentido de uma resistência festiva, constante, alegre, um momento feliz, uma paz que é construída a cada dia como possibilidade de existência naquele território, como nos ensina Nascimento (2018).

Também participei da festa do mangue em 2023, mas dessa vez, cheguei alguns dias antes da festa, justamente porque queria participar da organização da mesma. Participei de reuniões, da limpeza do espaço da associação quilombola, ajudei com questões logísticas, entre outras coisas. Queria, naquela oportunidade, participar de dentro, ao invés de assistir tudo de fora, como foi em 2022. Como quem teve uma primeira experiência desse tipo, devo dizer que foi prazeroso trabalhar na organização, ao mesmo tempo em que só participando da organização foi que tive noção do tanto de responsabilidade, estresse e tarefas que uma festa como aquela requer. É muita coisa para organizar antes e durante a festa e isso não é fácil. Mas assim como a festa de 2022, a de 2023 foi um sucesso!

Por fim, as festas também favorecem encontros entre as duas comunidades quilombolas de Aracati (Cumbe e Córrego de Ubaranas). Ronaldo comenta sobre a relação deles/as com os/as quilombolas do Córrego de Ubaranas da seguinte forma:

Na festa dos 25 anos o pessoal de Ubaranas veio. Também fizeram a festa da Consciência Negra [deles] e fomos lá, ajudar eles. Levamos um grupo da comunidade pra se apresentar lá. Disseram que a melhor apresentação da festa foram os calungas [teatro de bonecos]. Muita gente estava vendo pela primeira vez e ficou encantado. Eles só falam desses calungas agora. Levamos gente daqui e na nossa festa eles vieram. Nosso contato com eles é mais assim, nas partes que a gente festeja, porque eles lá, a comunidade não é tão disputada como a nossa. Conflitos têm, mas não é que nem o nosso. [...] A aproximação com eles começou quando nos reconhecemos. Primeiro a gente foi visitar eles, foi até na festa deles lá, da Consciência Negra, aí ficamos se articulando. Às vezes, quando tem alguma coisa que envolve as comunidades quilombolas no Aracati... recentemente teve no Ceará várias comunidades recebendo o selo quilombola e Aracati foi um deles. Eles vieram para a SECULT (Secretaria de Cultura do Estado do Ceará). Teve um momento na Câmara de Vereadores, nós estivemos presentes. Ubaranas e nós. Antes da pandemia nos encontros de quilombolas a gente estava presente e se encontrava mais nesses encontros das comunidades quilombolas do Ceará. Na questão da educação quilombola, teve várias pautas, já teve em Caucaia, em Fortaleza, aqui no Aracati e é nesse momento que a gente se articula e participa, as duas comunidades. Veio se unir mais quando nos reconhecemos. Onde tem reunião, seminário, sempre participamos juntos. (Diálogo realizado em 25/02/2022)

As festas, portanto, ensejam encontros, uma articulação entre as duas comunidades quilombolas, um fortalecimento mútuo. Essas festas nas comunidades, nas quais uma visita a outra¹⁴, reforçam os laços de parceria entre ambas; são ocasiões de aprendizado mútuo e de fortalecimento da luta quilombola como um todo. Digo isso pois, entre outras coisas, ouvi várias vezes Dona Ana, uma liderança da comunidade do Córrego de Ubaranas, dizer que quando precisam, buscam força junto ao Cumbe; visitam a comunidade, compartilham preocupações e estratégias de luta. A pandemia suprimiu as festas, bem como os encontros entre as duas comunidades, mas a parceria continuou mesmo com as limitações pandêmicas.

Tudo isso que Ronaldo falou é reforçado por Cleomar quando diz:

Nossa relação com Ubaranas... em algumas atividades nós já estava se fortalecendo, uma com a outra. Quando eles estavam celebrando a festa deles no dia da Consciência [Negra], a gente ia prestigiar a festa deles. A gente deixava o convite pra nossa festa e eles também faziam presença, que para nós é muito importante, para as duas se fortalecerem. Eu acho que, apesar de não conhecer muito Ubaranas, a história, a cultura, a gente se fortalece, na luta pela nossa visibilidade, nossa identidade, a nossa afirmação, isso nos aproximou, porque na negação das nossas identidades é importante se fortalecer, se unir. A gente se apoia no Córrego de Ubaranas e o Córrego se apoia no Cumbe. No processo de luta pela vacina¹⁵ o pessoal do Córrego veio aqui, falar com a gente, e eu lembro de uma fala de Seu Dedé que disse assim: “A gente se inspira muito nessa garra de vocês, nessa luta de vocês”, porque a deles também tem luta, tem resistência, mas nossa luta parecia ser ainda mais, por ter muito empreendimento, muita especulação e tudo. E esse momento tenso fez nos unir, de estar juntos em certos momentos, certos encontros, então a gente se sente forte. (Diálogo realizado em 25/02/2022)

Portanto, a vida quilombola em Aracati só é possível com festa, a partir de encontros com outros/as quilombolas, a partir da relação com quem mais se soma à luta, a partir da biointeração e de uma composição com tudo aquilo que

¹⁴ Sobre isso Ana Paula comentou o seguinte, tendo o contexto pandêmico em mente e as ações de redução da vulnerabilidade social de certas comunidades da região: “Aquela distribuição dos pescados foi em várias comunidades, Ubaranas, Canavieira, uns assentamentos, que eu não tô lembrando dos nomes. Foram beneficiados através de nós. Eles vieram na nossa festa de aniversário, Ubaranas, trouxeram um time de futebol. Quando tem festa lá a gente vai. Nessa última que a gente foi teve apresentação dos calungas. Lá eles não têm essa tradição que tem aqui. Ficaram muito alegres, muitas crianças ficaram com aquela admiração com aquilo ali; foi uma coisa bonita. A gente sempre vai na festa da Consciência Negra [deles], mas com os calungas foi a primeira vez” (Diálogo realizado em: 23/02/2022).

¹⁵ A questão das vacinas que Cleomar menciona se refere à dificuldade que os/as quilombolas de Aracati tiveram no acesso às vacinas prioritárias contra o coronavírus. Por ações ilegais da prefeitura de Aracati, os/as quilombolas não foram vacinados/as seguindo a ordem prioritária posta em lei. Em RODRIGUES (2024) disserto detalhadamente sobre essa questão.

fortalece essa luta alegre. Tudo isso aponta para um fortalecimento que só é possível no coletivo, no estar junto, no festejar junto, como se vê nos aniversários, no Carnaval, na festa do mangue e nas festas dos santos juninos. A vida tem que ser festejada sempre que a ocasião for propícia e mesmo quando não for, mesmo com conflitos internos e externos batendo à porta.

Considerações finais

O forró faz parte das festas no Cumbe, como vimos em algumas falas e as festas são uma característica fundamental para se entender a comunidade, logo, tem-se que se envolver com o forró para se envolver na socialidade local. Foi o que fiz ao ir a campo pela segunda vez em 2022: aprendi a dançar um pouco de forró para poder entender melhor o espírito festeiro do Cumbe. Entre as alegrias de ter feito junto a essa comunidade, lembro da preferência que os/as quilombolas têm pelo forró e pelo piseiro, preferência essa que se manifestou nas vezes em que eu e alguns amigos quilombolas nos aventurávamos a cantar no karaokê. Fazíamos isso após alguma reunião no prédio da associação ou na ocasião de algum aniversário. Ligávamos a caixa de som, o microfone e colocávamos o karaokê para tocar. Nos revezávamos entre as músicas, de forma individual e às vezes, compartilhávamos trechos da mesma música. Cantávamos de tudo um pouco, mas as nossas preferências giravam em torno de sucessos do piseiro, dos anos 2022 e 2023, e de bandas de forró como Calcinha Preta, Forrozão Tropykália, Aviões do Forró, Limão com Mel e outras.

Sobre a festa do mangue, nos dois primeiros anos da pandemia ela foi suspensa (2020 e 2021), sendo retomada em 2022, com as devidas precauções – sobretudo após a vacinação dos/as quilombolas do Cumbe. Vimos que para aqueles/as quilombolas uma luta só é luta quando é ao mesmo tempo festa, quando se pode dançar, cantar, rir e beber. Que se faz festa mesmo quando o Estado é injusto e mesmo quando são os de dentro que querem acabar com a luta quilombola. Que se faz festa mesmo com oposições internas que tiram a tranquilidade dos/as quilombolas. Festa, assim, é a regra da vida, só não deveria ser em tempos pandêmicos, tempos que exigiram de nós sacrifícios e cuidados constantes, como vimos pelas descrições dos/as interlocutores/as. Ao longo do artigo, vimos as estratégias de solidariedade e contenção de riscos dos/as quilombolas para salvaguardar as vidas, por um lado, e por outro, em um contexto mais favorável, para celebrar as vidas daqueles/as que sobreviveram à pandemia. De qualquer forma, a pandemia passou e a festa continuou.

*Recebido em 6 de junho de 2024.
Aprovado em 10 de outubro de 2025.*

Referências

- CAVALCANTI, Maria Laura; GONÇALVES, Renata de Sá (orgs.). *A falta que a festa faz: celebrações populares e antropologia na pandemia*. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2021.
- NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual – Possibilidade nos dias da destruição*. Coletânea organizada e editada pela UCPA (União dos Coletivos Pan-Africanistas). São Paulo: Ed. Filhos da África, 2018.
- NETO, Hugo Menezes; GONÇALVES, Renata de Sá. Festas na pandemia de Covid-19: experiências sociais em ação. *Revista Antropolítica*, 54 (3): 14-21, 2022.
- PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- RODRIGUES, Ozaias da Silva. “Possibilidade nos dias da destruição”: pandemia e a continuidade da vida entre remanescentes quilombolas do Cumbe - Aracati/CE. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Amazonas, 2024.
- RODRIGUES, Ozaias da Silva. Sobre tradições culturais, folguedos e papangus na comunidade quilombola do Cumbe. *PRACS – Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, 18 (2): 338-58, 2025.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília: UnB, 2015.
- SANTOS, José Ésio dos. *A carcinicultura no Ceará: principais impactos ambientais em uma fazenda no Cumbe – estuário do Rio Jaguaribe*. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Pesca), Universidade Federal do Ceará, 2006.
- SEGATA, Jean. O *Aedes aegypti* e o digital. *Horizontes Antropológicos*, 23 (48): 19-48, 2017.
- SEGATA, Jean. A pandemia e o digital. *Todavia*, 7 (8): 7-15, 2020.
- TAVARES, Fátima; CAROSO, Carlos. Contracolonialismo, etnopolítica e políticas públicas: cartas e etnogovernança quilombola. *Revista Antropolítica*, 55 (3): e55381, 2023.

VOLUME 13
NÚMERO 32
(MAIO/AGO. 2026)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS
DOSSIÊ TEMÁTICO:

MASCULINIDADES, CURSO DE VIDA E CUIDADO

PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE MARÇO
DE 2026

COORDENADORXS:
DR. ESMAEL ALVES DE OLIVEIRA (UFGD)
DR. MARCOS NASCIMENTO (FIOCRUZ)
DR. CAMILO BRAZ (UFG)

32

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

VOLUME 13
NÚMERO 33
(SET./DEZ. 2026)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS
DOSSIÊ TEMÁTICO:

ÉTNOGRAFIA, ESCRITA DE SI E ESCRITA ENTRE OS SEUS: EXPERIMENTAÇÕES, DESAFIOS E POTENCIALIDADES

PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE JULHO
DE 2026

COORDENADORXS:
DR. DR. LEANDRO DE OLIVEIRA (UFMG)
DR. DR. FELIPE TUXÁ SOTTO MAIOR CRUZ (UFBA)

33

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

VOLUME 14
NÚMERO 34
(JAN./ABR. 2027)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS
DOSSIÊ TEMÁTICO:

CIDADES EM DISPUTA: GÊNERO, RAÇA, SEXUALIDADE E OUTRAS DIFERENÇAS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE NOVEMBRO
DE 2026

COORDENADORXS:
DR. DR. GUILHERME R. PASSAMANI (UFMS)
DR. DR. RAMON PEREIRA DOS REIS (UEPA)

34

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso